



revista
CIDADES

volume 12 | número 21 | 2015

URBANIZAÇÃO DIFUSA

ISSN 1679-3625 (impressa) - ISSN 2448-1092 (online)

SUMÁRIO

PALAVRAS DO EDITOR.....	1
<i>Silvana Maria Pintaudi</i>	
DOSSIÊ: URBANIZAÇÃO DIFUSA E CIDADE DISPERSA	
APRESENTAÇÃO.....	2
<i>Maria Encarnação Beltrão Spósito</i>	
CONTRAURBANIZAÇÃO, PERIURBANIZAÇÃO, CIDADE DISPERSA E REDE DE CIDADES NA ITÁLIA	14
Counter-urbanization, peri-urbanization, disperse city and city networks in Italy	
GIUSEPPE DEMATTEIS	
CONTRO-URBANIZZAZIONE, PERIURBANIZZAZIONE, CITTA' DISPERSA E RETI DI CITTA' IN ITALIA.....	35
Counter-urbanization, peri-urbanization, disperse city and city networks in Italy	
GIUSEPPE DEMATTEIS	
MANIFESTACIONES DE LA DISPERSIÓN URBANA EN EL ENTORNO DE LAS CIUDADES MEDIAS: RESPUESTAS CONVERGENTES EN CONTEXTOS DIFERENTES.....	55
Manifestations of the urban dispersion in the environment of the medium sized cities. Convergent answers in different contexts	
FRANCISCO CEBRIÁN ABELLÁN	
DISPERSÃO URBANA E MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA.....	91
Urban dispersion and capitalist modernization	
NESTOR GOULART REIS	
FORMA E EXPANSÃO URBANAS NO BRASIL: FATOS E HIPÓTESES. PRIMEIROS RESULTADOS DO BANCO DE DADOS BRASIPOLIS.....	108
Shape of agglomeration and urban sprawl in brasil: facts and hypothesis first results from <i>brasipolis</i> database	
CATHY CHATEL E MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO	
FORME ET ETALEMENT URBAIN AU BRESIL: FAITS ET HYPOTHESES PREMIERS ENSEIGNEMENTS DE LA BASE DE DONNEES BRASIPOLIS.....	153
Shape of agglomeration and urban sprawl in brasil: facts and hypothesis first results from <i>brasipolis</i> database	
CATHY CHATEL E MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO	
A DISPERSÃO URBANA É MESMO “URBANA”? DINÂMICAS ESPACIAIS E VALORES ANTROPOLÓGICOS NA FRANÇA.....	197
L'étalement urbain est-il vraiment “urbain”? Dynamiques spatiales et valeurs anthropologiques en France	
<i>François Moriconi-Ebrard</i>	

L'ETALEMENT URBAIN EST-IL VRAIMENT « URBAIN » ? DYNAMIQUES SPATIALES ET VALEURS ANTHROPOLOGIQUES EN FRANCE.....	225
A dispersão urbana é mesmo “urbana”? Dinâmicas espaciais e valores antropológicos na França	
<i>François Moriconi-Ebrard</i>	
DISPERSÃO URBANA: APONTAMENTOS PARA UM DEBATE.....	250
Dispersion urbaine: notes pour un débat	
<i>IGOR CATALÃO</i>	
CIDADES EXCÊNTRICAS OU NOVAS PERIFERIAS?.....	278
Eccentric cities or new peripheries?	
<i>ESTER LIMONAD E HELOISA SOARES DE MOURA COSTA</i>	
CIDADES E CENTRALIDADES NA AMAZÔNIA: DOS DIFERENTES ORDENAMENTOS TERRITORIAIS AO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DIFUSA.....	305
Cities and urban centralities in the amazon region: from the different territorial arrangements to the diffuse urbanization process	
<i>SAINT-CLAIR CORDEIRO DA TRINDADE JÚNIOR</i>	
NA BUSCA DE SIMILITUDES... A DIVERSIDADE NA URBANIZAÇÃO E NA DISPERSÃO URBANA SURGE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO PÓS-1990.....	335
In seeking for similitudes... The diversity in urbanization and in urban dispersion arises in the state of Rio de Janeiro in post-1990	
<i>MARIA DE LOURDES PINTO MACHADO COSTA E TATIANA DE SOUZA GASPAR</i>	
ORIGENS E EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE DISPERSÃO URBANA NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE.....	359
The origins and evolution of urban sprawl process in the vale do paraíba fluminense (Rio de Janeiro-Brazil)	
<i>JÚLIO BENTES</i>	
TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA ÁREA METROPOLITANA DE FORTALEZA – A EXPANSÃO NO EIXO SUDESTE.....	400
Recent changes in metropolitan area of Fortaleza-Ce, Brasil – expansion in southeast axis	
<i>BEATRIZ HELENA NOGUEIRA DIÓGENES</i>	
FORA DO DOSSIÊ	
O MUNDIAL E O PLANETÁRIO.....	441
<i>HENRI LEFEBVRE</i>	

DISPERSÃO URBANA: APONTAMENTOS PARA UM DEBATE

IGOR CATALÃO

Universidade Federal da Fronteira Sul
Chapecó/SC, Brasil
igoratalao@gmail.com

RESUMO

A dispersão urbana é uma das características mais intrigantes que as cidades contemporâneas começaram a apresentar, especialmente após a revolução tecnológica, por significar uma mudança de paradigma em termos de continuidade e compacidade do ambiente construído e, sobretudo, pelos desafios que coloca em termos de vida urbana. Muitos autores, principalmente ocidentais, têm-se dedicado a essa temática, recorrendo a variados termos e expressões, alguns com pretensão conceitual, outros se utilizando de metáforas, mas todos compartilham a mesma ansiedade por tentar encontrar um qualificativo que dê conta dos processos que se manifestam por formas transitórias. Assim, este artigo se volta para esse debate a fim de propor uma conceitualização da dispersão urbana que auxilie na compreensão da realidade brasileira. A partir da confrontação dos autores e das reflexões de uma pesquisa doutoral recentemente concluída, alguns elementos são apresentados para fundamentar uma proposta de compreensão da dispersão.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização difusa. Dispersão urbana. Metropolização. Termos e conceitos.

DISPERSION URBAINE : NOTES POUR UN DÉBAT

RÉSUMÉ

La dispersion urbaine est l'une des caractéristiques les plus intrigantes que les villes contemporaines présentent depuis notamment la révolution technologique. Cela signifie un changement de paradigme en termes de

continuité et compacité du bâti, surtout en fonction des enjeux pour la vie urbaine. Plusieurs auteurs, spécialement les Occidentaux, se sont consacrés à ce sujet en utilisant des termes et expressions variés, certains à prétention conceptuelle, d'autres avec des métaphores. Tous néanmoins partagent la même anxiété pour trouver un qualificatif capable d'englober les processus qui se manifestent à partir de formes transitoires. De ce fait, on rentre dans ce débat à fin de proposer une conceptualisation de la dispersion urbaine qui soit capable d'aider à comprendre la réalité brésilienne. Certains éléments sont donc présentés pour fonder une proposition de compréhension de la dispersion. Ces éléments sont issus de la confrontation des auteurs ainsi que des réflexions développées dans une recherche doctorale récemment achevée.

MOTS-CLÉS: Urbanisation diffuse. Dispersion urbaine. Métropolisation. Termes et concepts.

URBAN DISPERSION: NOTES FOR A DEBATE

ABSTRACT

Urban dispersion is one of the most fascinating characteristics that contemporary cities have especially been presenting since the technological revolution. That means a paradigmatic change concerning continuity and compactness of built environment, also because of the challenges for the urban life. Most of Western authors have devoted to this subject by using different terms and expressions, some of them with conceptual pretension while others have preferred metaphors. Even though, all of them share the same anxiety to find a qualifying way to express processes that manifest through transitory forms. This paper has then the aim to enter this debate in order to propose a conceptualisation of urban dispersion that helps to understand Brazilian reality. The analysis was based on confrontation of the authors and reflections from a doctoral research recently

achieved. As a result, some elements are presented to base a proposal of understanding dispersion.

KEYWORDS: Diffused urbanization. Urban dispersion. Metropolisation. Terms and concepts.

INTRODUÇÃO

A urbanização constitui elemento característico da contemporaneidade, não apenas porque tem se ampliado mundialmente, mas, sobretudo, porque tem se transformado, adaptando-se às conjunturas históricas.

Embora a urbanização exista desde que se formou a primeira cidade – Jericó ou Çatal Hüyük – há mais de sete mil anos (SOJA, 2008), o significado desse conceito foi-se transformando ao longo da história de forma a não coincidir mais atualmente com o que significava no período que Soja identifica como primeira revolução urbana.

A mudança de século que recentemente vivemos trouxe o fato marcante de que, pela primeira vez na história, estamos vivendo o que Burdett e Rode (2007) denominam Era Urbana, isto é, o aumento do número e do tamanho das cidades pelo planeta, assim como da proporção de pessoas que nelas vivem. Essa realidade, por si só, já seria portadora de grande problemática, porém, mais do que a isso, refiro-me à constituição de todo um modo de vida, na cidade ou fora dela, que é fundamentalmente urbano, tal como Lefebvre (1999) já havia preluído ao afirmar, nos anos 1970, a substituição, em devir, da sociedade industrial por uma sociedade urbana. Passados 40 anos, vemos mais claramente a complexidade que ele evocou, pois campo e cidade, rural e urbano, após as revoluções industriais e tecnológicas, sobretudo a terceira, não apresentam mais os mesmos conteúdos anteriores, tendo hoje novas características e os traços antigos, ressignificados.

No período-crise em que vivemos (SANTOS, 2008; SOJA, 2008), a realidade frequentemente se apresenta como uma esquizofrenia de espaços, tempos

e relações sociais mutantes. Isso tem certa normalidade – já que convivemos, em simultâneo, com características de período e de crise –, embora sua manifestação pareça, muitas vezes, anormal – pois os conceitos, categorias e teorias por meio dos quais enxergamos e analisamos a realidade são sempre mais lentos que o movimento da vida. Essa diferença, que, mais do que isso, é um desencaixe coloca dificuldades à gestão dos territórios e não raro resulta em ineficácia prática e política (CATALÃO, 2010).

Em termos de compreensão sobre o que sejam cidade e urbano hoje, as discordâncias parecem mais frequentes que as concordâncias, devido às variadas abordagens e análises existentes e à diversidade de realidades urbanas. Logo, para um começo de reflexão, é fundamental entender e aceitar que cidade e urbano não são, nem na realidade, nem como conceito, perfeitamente coincidentes. A primeira persiste como forma de assentamento humano com predominância de concentração e densidade elevada – de pessoas, de bens, de infraestruturas, de objetos técnicos etc. –, tendendo à dispersão das periferias, nos casos de ocupação pretérita do núcleo central, ou à dispersão completa, quando a ocupação é mais recente. O segundo, por sua vez, diz respeito a um modo de vida, incluídos aí valores, símbolos, pensamentos e práticas. Nas palavras de Monte-Mór (2007, p. 264):

[...] um ‘tecido’ que nasce nas cidades e se estende para além delas, sobre o campo e as regiões, uma síntese da antiga dicotomia cidade-campo, um terceiro elemento na oposição dialética cidade-campo, uma manifestação sócio-espacial da organização urbano-industrial contemporânea que abarca, virtualmente, todo o espaço social.

A urbanização concerne, portanto, mais ao urbano do que à cidade, ainda que ambos não se desvinculem. Mesmo que essa afirmação soe demasiado categórica, ela é, a meu ver, fundamental para o avanço da reflexão. Não se trata de um abandono completo dos conteúdos conceituais, historicamente desenvolvidos, de cidade e urbano, mas de sua ressignificação, objetivando dar conta da realidade mutante.

Neste texto, não pretendo abordar toda a problemática envolvendo a ressignificação do par cidade-urbano, porque isso requereria considerar as interfaces históricas com o par campo-rural. Serei mais específico, atendo-me ao debate sobre as alterações morfológicas das cidades, que indicam mudanças na relação cidade-urbano. Essa discussão é bastante própria, ainda que não exclusiva, da Geografia, campo disciplinar a partir do qual proponho o debate. Tal escolha, por um lado, gera um risco de redução e parcialidade, mas, por outro, traz algumas vantagens. A mais importante delas é a possibilidade de compreender a realidade socioespacial como produção dialética (SOJA, 1980), isto é, entender que processos espaciais são originados e dinamizados por processos sociais tanto quanto os originam e dinamizam. Assim, ao estudar as cidades, interessa saber como as morfologias espaciais são, ao mesmo tempo, resultantes e ratificadoras da estrutura social.

Busco apresentar, neste artigo, uma discussão teórica sobre a dispersão urbana, a partir de diversos autores, brasileiros e estrangeiros, a fim de tentar especificar as bases para a uma conceitualização que auxilie a pensar a realidade urbana brasileira¹.

O artigo divide-se em três partes: na primeira, é feita uma contextualização da dispersão urbana no âmbito do processo de urbanização difusa e da metropolização contemporânea; na segunda, a distinção entre crescimento da população urbana e ampliação do modo de vida urbano é abordada; e, na terceira, há uma tentativa de pontuar os elementos necessários à conceitualização da dispersão urbana. Ao final, alguns apontamentos transitórios, à guisa de conclusão, são apresentados.

¹ As reflexões apresentadas aqui são parte de uma análise mais ampla dos processos de dispersão urbana e fragmentação socioespacial nas metrópoles de Brasília e Curitiba, desenvolvida na tese defendida em maio de 2013 para obtenção do título de Doutor em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Presidente Prudente, e da Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse, França, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradeço a Maria Encarnação Sposito e Loïc Grasland pela orientação da pesquisa e pelo cuidado na análise das minhas ideias.

URBANIZAÇÃO, METROPOLIZAÇÃO E DISPERSÃO URBANA

Entre as transformações pelas quais as cidades têm passado desde a primeira revolução industrial e particularmente após a II Grande Guerra, a dispersão dos seus tecidos é provavelmente a mais marcante e desafiadora delas, por colocar em xeque a concentração e a compacidade, que são características definidoras da cidade há sete mil anos. Até este começo de século, de certo modo, cidade vinha sendo sinônimo de agrupamento – de população, de construções, de bens, de produção etc. – e lugar de maior densidade de ocupação em relação ao restante dos territórios. O aparecimento e a ampliação da dispersão dos tecidos urbanos, contudo, têm começado a questionar essas características, de modo que os autores, para dar conta de explicar a nova realidade, têm recorrido a novas terminologias, às vezes até paradoxais, entre as quais a “cidade dispersa” (MONCLÚS, 1998, 1999; SPOSITO, 2009) ou “difusa” (INDOVINA, 1997; DEMATTEIS, 1998) estão entre as mais conhecidas.

Em linhas gerais, dispersão urbana não pode ser confundida com crescimento urbano, ainda que evidentemente não o exclua. Numa primeira aproximação, é possível identificar quatro fatores como suas principais características:

- ✓ crescimento territorial e populacional, com preponderância do primeiro em relação ao segundo (SPOSITO, 2004, 2011);
- ✓ relação entre densidade e compacidade das construções, no âmbito da relação centro-periferia (ASCHER, 2010);
- ✓ ruptura da continuidade territorial urbana (SPOSITO, 2004), indicando a produção de vazios;
- ✓ intensificação da diferenciação socioespacial (SPOSITO, 2011).

Esses fatores estão mais ou menos presentes em todos os países cujas cidades têm passado por processos de dispersão, embora as condições, as causas e os resultados não sejam exatamente idênticos, inclusive de acordo com as diferentes tipologias de cidades. No que concerne especificamente à

diferenciação, tanto no Brasil quanto no restante da América Latina, há uma forte ancoragem numa segmentação social bastante intensa, o que torna, portanto, as desigualdades socioespaciais mais marcantes, ainda que de modo mais evidente nas metrópoles. Em outros países, as bases da diferenciação são outras, como na França, por exemplo, onde há uma componente histórica importante que insere a dispersão nos processos de aglomeração de cidades herdeiras de antigos burgos e paróquias².

Não é possível afirmar que todas as cidades existentes estejam passando, ou passarão no futuro, por processos de dispersão, mas, mesmo nos casos em que a exiguidade territorial é uma limitação à extensão urbana, processos dispersivos têm aparecido pelo mundo sob as mais diferentes formas e com conteúdos os mais variados.

A discussão recente a respeito da dispersão das cidades parece ter começado com mais ênfase nos Estados Unidos, quando o geógrafo francês Jean Gottmann (1961), ao analisar a urbanização da costa nordeste daquele país, propôs o termo “megalópole” para referir-se a certa continuidade existente entre as aglomerações de Boston, Nova Iorque, Baltimore e Washington. Não se tratava ainda, naquela ocasião, de uma discussão sobre o *urban sprawl* (espraiamento urbano), que ganharia mais evidência posteriormente. No entanto, uma preocupação com a intensificação da ocupação urbana do território e suas relações com os espaços rurais adjacentes já estava contemplada.

O questionamento sobre as formas descontínuas dos tecidos urbanos como algo novo, tendendo à generalização, apareceu mais tarde, com Robert Fishman:

The overwhelming fact of the 20th-century world urbanism has been the creation of a new kind of decentralised city; [...] urban functions spread out along highways growth corridors in low-density settlements that

² Sendo a exceção, provavelmente, a região parisiense em tempos recentes.

combine urban, suburban and rural elements in a seemingly random and endless collage. This city exists in its most advanced form in the United States but the economic, social and technological forces which have created it can be seen worldwide (FISHMAN, 1994, p. 45).

O que Fishman identificou principalmente como novo na cidade – diferente, inclusive, do que se configurou após a primeira revolução industrial – foi a mudança na relação centro-periferia, a partir de uma progressiva perda de importância do centro principal. Para o autor, assim como para Gottdiener (1997), o desenvolvimento tecnológico e as facilidades políticas promovidas pelo governo estadunidense, principalmente no período 1950-1975, foram os fatores que possibilitaram à “nova cidade americana” uma configuração mais “suburbana”. As regiões “pós-urbanas” ou “pós-suburbanas”, nos termos de Fishman, não teriam, contudo, substituído as antigas cidades, mas se tornaram os centros reais da sociedade norte-americana.

Em função da formação socioespacial dos Estados Unidos, tal configuração espacial urbana foi possível à escala nacional, mas não se reproduz do mesmo modo em formações socioespaciais distintas, como a europeia. Porém, e de modo inegável, nem nos Estados Unidos, nem na maior parte do mundo, a relação cidade-urbano mantém-se a mesma de há cinquenta ou sessenta anos.

Nos tempos atuais, as ressignificações necessárias dos conceitos de cidade e urbano envolvem noções/conceitos correlatos, frequentemente empregados de maneira inapropriada. Diante disso, mesmo as novas regiões urbanas estadunidenses, mas também outras regiões no mundo marcadas por processos de dispersão urbana, como o eixo Santos-São Paulo-Campinas no Brasil, não poderiam ser qualificadas de suburbanas e, menos ainda, de pós-urbanas (termo usado por Fishman).

Embora o contexto socioespacial no qual a urbanização norte-americana se desenvolveu justifique o uso da expressão “regiões pós-suburbanas”, como o

fez Fishman, penso ser preferível referir-se a elas, assim como a qualquer outra, simplesmente como regiões urbanas, tanto para valorizar termos clássicos, ainda que com novos conteúdos, quanto para permitir comparar realidades diferentes. Mesmo assim, é preciso esclarecer que, para Fishman, as lógicas de conformação das novas regiões urbanas (pós-suburbanas) diferem das antigas (suburbanas), porque são mais excêntricas do que concêntricas.

A produção do espaço sob formas suburbanas era uma componente do moderno processo de metropolização, nascido com as metrópoles industriais europeias e desenvolvido com as metrópoles fordistas europeias e norte-americanas. Soja (2008) desenvolve essa ideia ao tratar da passagem do desenvolvimento metropolitano fordista ao pós-fordista, num contexto de reestruturação econômica mundial em que a problemática metropolitana se torna mais complexa, fazendo surgir o que ele denominou metaforicamente de pós-metrópole. Para o autor, estamos vivendo um período de reestruturação, ou seja, de uma significativa ruptura e mudança de ordem e tendências, indicando o fim da era metropolitana moderna, embora sua manifestação espacial pretérita, a metrópole, não tenha desaparecido.

As metrópoles, segundo Carlos (2007), são a mediação entre as escalas local e mundial, portanto, mais do que nós articuladores de sistemas urbanos nacionais. Nessa lógica, identificam-se as cidades globais (SASSEN, 2001), as cidades-regiões globais (SCOTT *et al.*, 2001; SOJA, 2006), as metápoles (ASCHER, 1995, 2009) ou as já evocadas pós-metrópoles (SOJA, 2008), entre outras denominações, como lideranças de sistemas urbanos complexos que se articulam numa rede mundial de cidades. Entre as características dessas cidades/metrópoles apontadas pelos autores, a dispersão urbana não é sempre considerada como um elemento constitutivo, a meu ver, por três razões interdependentes.

A primeira razão diz respeito ao fato de que a dispersão não está restrita a contextos metropolitanos e pós-metropolitanos – incluindo-se aí as cidades

(regiões) globais e as metápoles –, que expressam uma ligação direta entre as escalas local e mundial. Atualmente, a maior parte das cidades (ocidentais, ao menos) está, embora não do mesmo modo, potencialmente preocupada pela dispersão dos tecidos. Vejam-se, por exemplo, os estudos de Domingues (2006) sobre a dispersão em cidades pequenas portuguesas e de Sposito (2004), que aborda o tema em cidades médias paulistas.

A segunda razão concerne à necessária compreensão sobre a constituição da metrópole contemporânea e a uma ressalva na afirmação de que esta funciona como mediadora entre as escalas local e mundial (CARLOS, 2007), tendo em vista a maior complexidade que a problemática metropolitana ganhou em tempos recentes. A conceituação necessita, portanto, ser mais precisa, porque nem todas as metrópoles são cidades mundiais, nem apresentam os mesmos tipos de dispersão ou se relacionam da mesma maneira com as redes e os sistemas urbanos que integram.

A terceira razão liga-se ao consentimento de que a velha hierarquia cidade pequena → cidade média → metrópole não é mais suficiente para a análise e a compreensão das relações existentes entre as cidades nas redes urbanas, e também entre elas e o campo. Desse modo, fazer referência às relações entre as cidades como “relações interurbanas” pode ser tão inadequado quanto o uso da expressão “espaço intraurbano” o é para qualificar a cidade em suas dinâmicas internas ou o emprego do termo “periurbano” em referência aos espaços transitórios situados nas bordas do tecido urbano consolidado. Todas essas expressões, além de não abarcarem a complexidade escalar que envolve a relação cidade-urbano hoje, ratificam uma suposta coincidência completa entre ambos, o que precisa ser superado.

O advento de uma urbanização difusa (SPOSITO, 2009), da qual a dispersão urbana é parte formal e processual, trouxe consigo um aumento da diferenciação socioespacial que indica as variações escalares como produção (SMITH, 1992), ou seja, há uma ruptura das escalas tradicionalmente

estabelecidas de espaço urbano e rede urbana, que são redefinidas. Em muitas situações, a separação entre estas duas escalas é irrealizável e/ou ineficaz, assim como o é a tentativa de reconhecimento de seus contornos, que são “mutantes e imponderáveis”, segundo salienta Sposito (2011).

A relação entre as cidades na rede urbana tornou-se qualitativamente mais complexa com o aparecimento de processos de conurbação³ e aglomeração, pois isso ampliou a diferenciação socioespacial ao criar novos tipos e funções de cidades. Essa diferenciação se tornou ainda mais intensa em contextos marcados por dispersão urbana, já que os novos tipos e funções de cidades surgentes ganham, por sua vez, novas qualidades.

A TENDÊNCIA MUNDIAL DO URBANO

Soja e Kanai (2007), analisando as transformações pelas quais têm passado as cidades e regiões, sobretudo nos últimos cem anos, afirmam que o mundo está se urbanizando, ao mesmo tempo em que o urbano está se mundializando. Essas afirmações, que não são novas, chegando mesmo a ser banais entre os estudiosos da temática, guardam um poder explicativo fundamental para a compreensão da estrutura socioespacial contemporânea, cujo devir é algo que desconhecemos, posto que inédito.

Como informam os autores, todas as medidas de contagem populacional nacionais registraram, em 2006, e pela primeira vez na história, uma maior proporção de pessoas vivendo em áreas urbanas em relação àquelas que residem em áreas rurais. Eles ainda esclarecem que, se fossem estabelecidos critérios para um padrão de classificação, esse patamar já teria sido alcançado em anos precedentes. No Brasil, tal fenômeno ocorreu na década de 1960, tendo a marca

³ Originalmente, a noção de conurbação foi pensada por Geddes (1994 [1915]) em referência à Londres do final do século XIX e começo do XX. Hoje é ampla e equivocadamente utilizada como sinônimo de continuidade territorial urbana, característica que não estava presente na formulação original do autor. Soja (2008) faz uma boa recuperação e atualização do conceito, empregá-lo para qualificar Los Angeles, nos Estados Unidos.

de cerca de 85% de habitantes urbanos no país sido atingida em 2010. Colocar o centro explicativo no crescimento urbano para esclarecer por que o mundo está se urbanizando é, portanto, o principal caminho discursivo percorrido por Soja e Kanai. Mais importante que isso, porém, é o ponto que eles, a meu ver, desenvolveram menos, embora não tenham desconsiderado, isto é, o fato de que, como Lefebvre (1999) já havia renunciado, sociedade e espaço estão se reestruturando sob um modo de vida que é fundamentalmente urbano – a mundialização do urbano, para os autores. Noutras palavras, mais do que haver um contingente maior de pessoas vivendo em assentamentos oficial ou oficiosamente classificados como urbanos, que são tendencialmente maiores e mais numerosos, há mais gente vivendo segundo os valores, de acordo com os costumes e regras e por meio de práticas orientados pelo ritmo de dinâmicas e processos oriundos das cidades. Como se trata de uma realidade cujo conteúdo qualitativo é muito elevado, porque é subjetivo, sua mensuração não é sempre eficaz ou eficiente. Ademais, aceitar a ampliação do urbano pelo planeta não significa defender uma suposta aniquilação completa do rural, pois reitero uma compreensão do urbano contemporâneo como um produto, em devir, da relação dialética cidade-campo/urbano-rural preexistente (MONTE-MÓR, 2007).

A discussão a respeito da mundialização do urbano, a meu ver, traz em si mais elementos explicativos importantes para a análise do processo de dispersão urbana que a discussão sobre a urbanização do mundo. Ao se estabelecer critérios de comparação para demonstrar que uma região está mais urbanizada que outra, ou mesmo que ela própria há 50 ou 100 anos, recorre-se a classificações formais e definições sobre o que pode ou não ser considerado cidade e urbano. Contudo, não só o mundo está se tornando mais urbano, no sentido do crescimento urbano, como também o urbano está se tornando mundial, no sentido da constituição da própria sociedade como urbana, porque as transformações que indicam a generalização do urbano no mundo têm suas origens tanto especificamente nas dinâmicas internas às cidades quanto, de

modo mais geral, no seio da própria sociedade capitalista, configurando-se como um estágio avançado do processo de humanização do planeta.

Nesse sentido, o entendimento de Smith (1992, p. 72), segundo o qual “[t]he spatial extent of the urban scale is demarcated much more acutely by the field over which a daily journey to work is feasible”, precisa ser superado por uma compreensão mais ampla da escala urbana, ultrapassando a escala da cidade ou do espaço urbano.

Em contextos de crescimento e dispersão urbanos, por exemplo, a visão de Smith é bastante adequada para a identificação da escala do espaço urbano, mas é insuficiente para demarcar a escala do urbano, que se refere mais à produção dos conteúdos urbanos compartilhados, em maior ou menor medida, por todas as cidades. A escala urbana realiza-se tanto em processos intimamente locais quanto em processos amplamente mundiais, sem que isso aniquile as especificidades da escala da cidade, porque esta se liga formidavelmente a uma rede composta pelas cidades e mesmo pelos espaços rurais, configurando-se como uma mediação que possibilita todas as inter-relações, sejam de quais naturezas forem. Assim, a superação necessária não invalida a teoria da produção da escala elaborada pelo autor, mas, antes disso, reforça-a, pois a produção da escala do urbano surge no processo de constituição da urbanização em sua dupla natureza social e espacial (GAMA, 1992), portanto socioespacial⁴, o qual, ao mesmo tempo em que institui o urbano como modo de vida mundial, impregna o espaço com características urbanas.

DISPERSÃO URBANA: UM ESFORÇO DE CONCEITUALIZAÇÃO

No âmbito das transformações por que tem passado a urbanização nas últimas décadas, a esquizofrenia de espaços, tempos e relações sociais mutantes

⁴ Concordo com Souza (2007) sobre a necessidade de superação da análise da diferenciação espacial – que considera apenas o espaço social – por uma análise da diferenciação socioespacial – que leva em conta as relações sociais e o espaço social –, ainda que discorde da tradução ortográfica que o autor emprega para explicar esse pensamento. Conferir, a esse respeito, Catalão (2011).

a que fiz menção anteriormente está causando também uma esquizofrenia de termos e expressões, criados como tentativa de avançar na compreensão teórico-conceitual da realidade. Enquanto alguns deles têm pretensão conceitual, outros são apenas noções ou metáforas, com destaque para os neologismos e conceitos cujo significado histórico se tenta recuperar. Não obstante, como aponta Indovina (1998), a abundância de termos e expressões na literatura especializada tende a descrever fenômenos similares ou mesmo idênticos.

Para organizar o debate, proponho que a dispersão urbana seja entendida, primeiro, como um fato, porque é permanente, ainda que se expresse por uma transitoriedade de formas, e, segundo, como uma parte específica e menor do processo de urbanização difusa (GAMA, 1992; SPOSITO, 2009).

O quadro a seguir apresenta alguns termos reveladores da amplitude do debate em torno da dispersão urbana ou de processos relacionados. Os autores e termos listados são representativos, mas não chegam a ser exaustivos, porque estão restritos aos contextos científico-geográficos da Europa Ocidental – com destaque para Inglaterra, Itália, Espanha, França e Portugal –, dos Estados Unidos e do Brasil. Os termos metrópole, periferia/periferização, suburbanização e periurbanização, por serem, de certa forma, ubíquos em todas as discussões, foram omitidos⁵.

⁵ Um léxico bastante rico, embora não exclusivo da temática, pode ser encontrado em Topalov *et al.* (2010).

QUADRO 1: FORMAS E PROCESSOS URBANOS, TERMOS E AUTORES REPRESENTATIVOS DO DEBATE

TERMOS/EXPRESSIONES	AUTORES
Aglomeraco	Meuriot (1897), Beaujeu-Garnier (1980)
Conurbao	Geddes (1994 [1915]), Soja (2008 [2000])
Megalpole	Gottman (1961)
Metpole	Ascher (1995, 2009)
Cidade dispersa	Moncls (1998, 1999), Sposito (2009, 2011)
Cidades de disperso	Segal e Verbakel (2008)
Cidade difusa	Indovina (1997), Dematteis (1998)
Difuso reticular da cidade	Dematteis (1998)
Disperso urbana	Reis (2006, 2007)
Urbanizao dispersa	Barattuci (2006 [2004]), Reis (2006, 2007)
Urbanizao difusa	Gama (1992), Domingues (1998, 2006), Sposito (2009, 2011)
Urbanizao extensiva	Monte-Mr (2004, 2007)
<i>Urban sprawl</i> , regies ps-urbanas, regies ps-suburbanas	Fishman (1994)
Ps-urbanizao	Ferrier (2001)
Postmetrpole, <i>postsuburbia</i> , expole, exurbanizao	Soja (2008 [2000])
Regio metropolitana polinucleada, cidade exurbana	Gottdiener (1997 [1985])
<i>Edge city</i>	Garreau (1991)
Arranjo urbano-regional	Moura (2009)
Cidade-regio global	Scott <i>et al</i> (2001), Soja (2006)
Cidade global	Sassen (2001 [1991])
Regio urbana policntrica	Kloosterman e Musterd (2001)
Contraurbanizao	Berry (1976)
Sociedade urbana	Lefebvre (1999 [1970])
Era Urbana, <i>endless city</i>	Burdett e Sudjic (2007, 2011)
Urbanizao do mundo, mundializao do urbano	Soja e Kanai (2007)

O que os autores listados, assim como tantos outros, tm em comum  a ambio de encontrar um termo qualificativo e explicativo das novas formas de assentamento humano de carter urbano que no podem ser denominadas

idades *tout court*, ou porque estão significativamente afastadas dos centros urbanos tradicionais, inclusive em áreas de completo isolamento em relação a eles, ou porque estão inseridas em territórios marcados por flagrante transitoriedade de formas e funções.

A abundância de termos e expressões tem por trás teorias explicativas das realidades estudadas pelos pesquisadores, bem como os usos e significados das palavras em suas respectivas línguas ou naquelas com as quais eles trabalham. A cidade difusa e a cidade dispersa, por exemplo, podem não apenas não coincidir semanticamente, dada a própria diferença existente entre os adjetivos difuso e disperso, sobretudo ao se passar duma língua a outra, como podem não coincidir as realidades às quais elas se referem; o oposto, contudo, também é possível. Isso exige certa cautela na escolha dos conceitos, embora essa escolha possa ser mais livre no caso de noções ou metáforas, em que a precisão teórica é menor. Ainda assim, a realidade analisada e os elementos explicativos devem sempre balizar as escolhas.

Seguindo a provocação de Soja (2003, 2008) de “pôr as cidades primeiro”, proponho que a análise parta da investigação da morfologia espacial urbana para, em seguida, mostrar que esta se explica por uma dada estrutura social, assim como a reproduz⁶. A seguinte afirmação de Gottdiener (1997, p. 14), nesse sentido, mostra-se bastante oportuna: “[a] vida urbana tornou-se portátil e, desse modo, ocorreu o mesmo com a ‘cidade’”. Seria o contrário também válido?

Embora Gottdiener, em sua análise, esteja tratando da conformação das metrópoles nos Estados Unidos, a discussão não se restringe ao processo de metropolização, mas volta-se também à compreensão de como é virtualmente possível, já há algum tempo, construir espaços com funções urbanas – comerciais, residenciais ou empresariais – em qualquer lugar e tempo,

⁶ Essa compreensão dialética da relação sociedade-espço permite entender que a configuração espacial das cidades brasileiras é expressão de nossa formação socioespacial, estruturalmente baseada em relações oriundas da colonização e da escravidão, findadas em séculos passados, porém com herança recorrente no imaginário e na prática sociais.

desobedecendo às lógicas tradicionais de produção da cidade. Ainda assim, a abordagem metropolitana de Gottdiener possibilita entender que é nesses espaços que a dispersão se manifestou primeiro com mais evidência e, hoje ainda, de modo mais complexo. Também é pela mesma razão que a maioria dos estudos sobre dispersão urbana tem como foco de análise a realidade metropolitana. Há estudos, inclusive, nos quais a dispersão é entendida como característica própria do processo de metropolização.

A dispersão urbana representa hoje, nas cidades onde se desenvolve, uma quebra nos fechamentos que historicamente as caracterizaram, o que não significa, todavia, que a característica de maior densidade da cidade em relação ao campo esteja desaparecendo, mas que seus limites estão se tornando paulatinamente indefiníveis. Analisar isso, para Sposito (2009, p. 39-40), é um: [...] desafio de grande envergadura, porque nele está contida uma questão de fundo, qual seja, haver algum consenso sobre o fato de que as novas formas espaciais, reflexo e condição de novos processos e dinâmicas de natureza econômica, social, política e cultural, possam ser qualificadas de formas espaciais urbanas.

Eu não me aventuraria a tentar, neste artigo, dar uma resposta definitiva à questão, mas entendo ser possível pensar parâmetros que indiquem o caminho para esse consenso a partir da reproblemática do questionamento.

Se admitirmos, como já propus, a dispersão urbana como fato atual e a urbanização difusa como processo contemporâneo em curso, é possível vislumbrar um consenso a respeito de que as novas formas espaciais sejam, de fato, formas espaciais urbanas, porque elas são produto do processo de difusão, pelo planeta, do urbano como modo de vida e da urbanização como espacialidade que impregna os lugares com caracteres urbanos. No entanto, um consenso sobre ser possível denominar essas formas de “cidade” é certamente inalcançável, ainda que haja esforços a esse respeito, como o da própria autora, quando recupera o conceito de cidade dispersa proposto por Monclús (1998, 1999). Esse conceito, ao mesmo tempo em que mantém a carga histórica e

semântica do termo cidade, complexifica-o ao agregar o conteúdo novo da dispersão urbana.

Em lugar de aprofundar a discussão sobre a validade ou não do conceito de cidade para qualificar as novas formas urbanas contemporâneas, debate já dalgum modo feito por Carreras (2005), proponho desenvolver mais a análise a partir do conceito de urbanização, que parece ser mais adequado a esse debate.

Por um lado, enquanto processo social, a urbanização diz respeito às relações sociais responsáveis pela generalização do urbano como modo de vida pelo planeta, o que corrobora o sentido da constituição de uma sociedade urbana (LEFEBVRE, 1999). O urbano, portanto, não está confinado nos espaços urbanos. Não estou fazendo referência ainda, nesse caso, à constituição de espacialidades urbanas, posto que o campo, hoje cada vez mais (socialmente) urbanizado, não está se transformando em cidade, assim como é provável que tampouco se esvazie completamente de sua população.

Por outro lado, são justamente as espacialidades urbanas que indicam a urbanização também como processo espacial, que denomino urbanização difusa (GAMA, 1992; DOMINGUES, 1998; SPOSITO, 2009) como conceito geográfico.

É evidente que esses dois processos (social e espacial) não ocorrem separadamente, porque estão inseridos numa dialética socioespacial (SOJA, 1980). Não obstante, é possível, e mesmo necessário, falar ora num, ora noutro, já que, como afirma Souza (2009, p. 25):

Uma tal distinção só seria supérflua se se partisse da absurda premissa de que a categoria espaço social se confunde ou se superpõe inteiramente com a própria categoria sociedade, em vez de dela ser um “subconjunto” (ou seja, como se o espaço social, inflacionado em seu conteúdo a ponto de tornar desnecessário o conceito de sociedade, abarcasse, sem maiores sutilezas, do substrato espacial material aos próprios seres humanos, passando pelas relações sociais).

Essa precisão traz à tona o desafio de conseguir tratar, ao mesmo tempo, de questões sociais – não diretamente espaciais – e questões espaciais –

relacionadas ao espaço social. Esse desafio está inserido na necessidade, apontada por Souza (2007), de superação das análises (apenas) de sobrevoo que enfoquem, além de processos e dinâmicas espaciais, a ação (política) dos agentes sociais envolvidos na produção do espaço.

No que concerne ao debate sobre a urbanização difusa, mais precisamente do ponto de vista das espacialidades urbanas – sem desenvolver, portanto, uma discussão a respeito do modo de vida urbano, que requereria uma abordagem mais ampla –, e a dispersão urbana, subprocesso espacial atinente à transformação das cidades sob esse tipo de urbanização, um conjunto de elementos analíticos precisa ser apontado.

Primeiramente, como anteriormente afirmado, qualquer discussão a respeito da cidade e do urbano é, de certa forma, incompleta quando não abarca suas relações com o campo e o rural. Contudo, embora parcial, a análise das morfologias urbanas diz respeito a dinâmicas referentes aos espaços em que há prevalência de espacialidades urbanas e, portanto, ao tratar-se duma dinâmica específica, essa parcialidade não prejudica as análises e os resultados.

Em segundo lugar, dispersão urbana e urbanização difusa não são processos perfeitamente coincidentes. O segundo é mais abrangente, pois diz respeito à sociedade e ao espaço mundiais ou à configuração socioespacial à escala do planeta. O primeiro é mais restrito, concernente aos espaços urbanos, e seu uso faz referência direta ao fato para o qual Sposito (2009) chamou a atenção, qual seja, de que a unidade morfológica da cidade contemporânea está em processo de dissolução.

Nesse caminho reflexivo, entendo que uma proposta que busque atribuir um conteúdo conceitual mais preciso à noção de dispersão urbana, de forma a inseri-la no debate que os termos apresentados no Quadro 1 indicam, deve contemplar quatro elementos característicos fundamentais, já previamente apontados neste texto, quais sejam:

- (i) crescimento territorial acentuado;

- (ii) diminuição progressiva das densidades no sentido centro-periferia, marcada, contudo, por alternância de áreas de alta e baixa densidades;
- (iii) perda da continuidade territorial urbana; e
- (iv) ampla segmentação social, ampliada pela importância das desigualdades na estrutura social e, por conseguinte, espacial.

A dispersão urbana se expressa pela maior extensão dos tecidos urbanos⁷, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, em relação à realidade das cidades progressas, o que é reflexo de uma inversão entre crescimento populacional e crescimento territorial. Ou seja, as cidades atuais estão territorialmente maiores do que jamais foram e expandem-se mais sobre o território do que demanda o crescimento de sua população. No caso das metrópoles, esse processo é mais evidente, pois o espaço urbano ganha uma escala regional – traduzida pela denominação espaço metropolitano –, que torna mais complexa a relação entre as escalas da cidade e da rede urbana, como já mencionado. Em consequência, começa a haver uma progressiva diminuição das densidades do centro à periferia⁸; trata-se aqui da noção de *étalement urbain*⁹ (espraiamento urbano), que a noção de dispersão urbana engloba e ultrapassa.

A perda da continuidade territorial urbana, como elemento característico mais complexo da dispersão urbana em relação aos dois anteriormente citados, aparece de modo ambivalente: por um lado, este elemento coloca em xeque, mais que os outros, a existência da cidade como unidade territorial; por outro, ele está vinculado ao aumento da continuidade espacial – em função das novas conexões criadas – num contexto urbano territorialmente fracionado.

Sposito (2004) argumenta que a continuidade territorial urbana, um dos três elementos constitutivos da cidade até o aparecimento da indústria

⁷ Segundo Sposito (2004, p. 60), em abordagem objetiva, “expansão da base territorial sobre a qual se assenta a cidade e se instituem os usos e apropriações do tipo urbano”.

⁸ É necessário ressaltar aqui que também estão em curso processos recentes que alteram as densidades das cidades, fazendo aparecer áreas mais densas nas periferias e áreas mais rarefeitas nos centros.

⁹ A respeito do *étalement urbain*, consultar Ascher (2010).

(BENEVOLO, 1993), está diminuindo gradativamente para dar lugar a descontinuidades que se expressam pela presença, no espaço urbano, de áreas não construídas. Nesse sentido, o território da cidade – entendido em suas dimensões jurídico-política, infraestrutural e da apropriação subjetiva (SPOSITO, 2004, p. 74-76) – passa a não mais apresentar coincidência entre o que poderia ser visualmente identificado como cidade, ou seja, a continuidade do ambiente construído, e aquilo que se realiza como tal de forma efetiva, isto é, as funções urbanas e as práticas espaciais dos habitantes. Aparece aí a noção de continuidade espacial urbana como impeditiva à dissolução da vida urbana num contexto em que a forma urbana tradicional está se dissolvendo. A autora refere-se, de modo mais específico, às relações e aos movimentos ampliados pelo avanço tecnológico, cuja existência real ou potencial é o que permite a compreensão da descontinuidade territorial; isso faz com que a morfologia da cidade se torne mais complexa.

Com efeito, muitas vezes, a descontinuidade territorial é possível porque a continuidade espacial se fortalece por meio de ampliação de infra-estruturas de circulação e comunicação (sistema viário, sistema de fornecimento de água ou captação de esgotos, redes de telefonia, televisão e internet etc.) e pela difusão do acesso aos equipamentos que possibilitam os deslocamentos e os contatos (veículos automotivos, antenas, microcomputadores etc.). Quando essas duas dinâmicas – descontinuidade territorial e continuidade espacial – ocorrem simultaneamente e se articulam, pode se reconhecer, no plano da forma urbana, a constituição de rupturas no tecido urbano e, no plano das dinâmicas e processos, a realização da integração espacial (SPOSITO, 2004, p. 204, grifos da autora).

Essas noções de continuidade/descontinuidade territorial/espacial foram pensadas por Sposito como solução teórica ao problema de qualificar os novos processos urbanos que não estavam contemplados, pelo menos não de forma clara, noutros conceitos como conurbação ou aglomeração, mas também

porque esses processos começaram a aparecer dentro da cidade – e não apenas na relação entre cidades diferentes –, o que coloca limitações aos conceitos que têm uma escala regional evidente.

APONTAMENTOS TRANSITÓRIOS

Até aqui, foi possível apenas compor um quadro teórico para a análise morfológica da cidade inserida no processo de dispersão urbana. Certamente, não se trata só de uma análise das formas espaciais urbanas, isto é, de modo isolado, haja vista que “[l]a notion de *morphologie* [...] ne se réduit pas à la description raisonnée des objets urbains et de leur arrangement (à tous les niveaux, agglomération, quartier, rue, îlot, maison) mais s’étend aussi à la répartition dans la ville des groupes sociaux et des fonctions” (RONCAYOLO, 1997, p. 90, grifo do autor). Refiro-me, mais amplamente, à relação existente entre forma e conteúdo, a mesma que baliza a compreensão da dispersão urbana, pois, tal como a morfologia, também a dispersão tem as formas como referência direta. Font (2007, p. 63) explica bem isso:

Entendo que *dispersão*, esse paradigma em que todos estamos pensando, no qual estamos trabalhando, é um conceito de natureza topológica, diz respeito às relações das distâncias entre as coisas mais do que um fenômeno de densidade, mais do que um fenômeno de *difusão* (grifos do autor).

Nesse sentido, parece-me adequado optar pelo uso de um termo que traduza, em simultâneo, os sentidos de espalhar e separar objetos ou pessoas no espaço, além de apresentar um caráter visual evidente. Ou seja, a simples referência à expressão “dispersão urbana” evoca imediatamente aquilo de que se está tratando. De igual modo, essa escolha também se pauta no aceite da provocação feita por Soja (2008) de “colocar as cidades primeiro”, à qual já fiz alusão. Isso não significa, de forma alguma, a compreensão de que a cidade é

forma física explicável apenas pela disposição dos objetos no substrato material. Tampouco quer dizer que a mera descrição dos objetos substitua análises que enfoquem os conteúdos sociais neles contidos. Trata-se de um caminho metodológico segundo o qual se parte das formas para chegar aos conteúdos e processos que as explicam. Assim, a compreensão da dispersão urbana envolve o entendimento da morfologia da cidade em sua relação com a estrutura social. Essa correlação, que não foi possível abordar satisfatoriamente neste texto, deverá ser objetivo de discussão posterior.

Gostaria, por fim, de ressaltar que a problemática teórica sobre a dispersão urbana abordada neste artigo se insere num período de grande efervescência teórica e prática, reconhecido como “virada espacial” (SOJA, 2003) ou geográfica (LÉVY, 1999), que tem como ponto de referência a realidade expressa em espaços, territórios, lugares e paisagens mutantes, uma esquizofrenia, como denominei, de “espaços-tempos diferenciais” (LEFEBVRE, 1970). É com base nisso que surge o questionamento sobre as transformações da cidade, do urbano e da urbanização, sendo a dispersão seu epifenômeno.

Tendo as configurações espaciais urbanas em primeiro nível de análise, tentei abordar processos em curso que têm como expressão a reconfiguração da cidade em algo novo, ainda não completamente formado nem exaustivamente investigado. É essa, portanto, uma das tarefas necessárias a partir de agora.

REFERÊNCIAS

ASCHER, François. *Métapolis ou l’avenir des villes*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1995. 347 p.

_____. *L’âge des métapoles*. Paris: Éditions de l’aube, 2009. 389 p.

_____. *Les nouveaux principes de l’urbanisme [2001] suivi de Lexique de la ville plurielle [2008]*. Paris: Éditions de l’aube, 2010. 276 p.

BARATTUCCI, Chiara. *Urbanisations dispersées: interprétations/actions France et Italie 1950-2000*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006 [2004]. 317 p.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. *Géographie urbaine*. Paris: Armand Colin, 1980. 360 p.

BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993 [1980]. 729 p.

BERRY, Brian (Ed.). *Urbanisation and counter-urbanisation*. Beverley Hills: Sage, 1976. 334 p.

BURDETT, Ricky; RODE, Philipp. The Urban Age Project. In: BURDETT, Ricky; SUDJIC, Deyan (Ed.). *The endless city: the Urban Age Project by the London School of Economics and Deutsche Bank's Alfred Herrhausen Society*. Londres/Nova Iorque: Phaidon Press, 2007, p. 8-31.

BURDETT, Ricky; SUDJIC, Deyan (Ed.). *The endless city: the Urban Age Project by the London School of Economics and Deutsche Bank's Alfred Herrhausen Society*. Londres/Nova Iorque: Phaidon Press, 2007. 510 p.

_____. *Living in the endless city: the Urban Age Project by the London School of Economics and Deutsche Bank's Alfred Herrhausen Society*. Londres/Nova Iorque: Phaidon Press, 2011. 432 p.

CARLOS, Ana F. A. Diferenciação socioespacial. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 45-60, jan./dez., 2007.

CARRERAS, Carles. Da cidade industrial à cidade dos consumidores: reflexões teóricas para debater. In: CARLOS, Ana F. A.; CARRERAS, Carles (Org.). *Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 21-28.

CATALÃO, Igor. *Brasília, metropolização e espaço vivido: práticas espaciais e vida cotidiana na periferia goiana da metrópole*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 156 p.

_____. Socioespacial ou sócio-espacial: continuando o debate. *Formação*, Presidente Prudente, n. 18, v. 2, p. 39-62, jul./dez., 2011.

DEMATTEIS, Giuseppe. Suburbanización y periurbanización. Ciudades anglosajonas y ciudades latinas. In: MONCLÚS, Francisco Javier (Ed.). *La ciudad dispersa*.

Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. p. 17-34.

DOMINGUES, Álvaro. Formes i escales d'urbanització difusa. Interpretació en el NO de Portugal. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, Barcelona, n. 33, p. 33-55, jul./dez., 1998.

_____. (Coord.). *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal/Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal*. Lisboa: Argumemtum, 2006. 399 p.

FERRIER, Jean-Paul. Pour une théorie géographique de la métropolisation. *Les cahiers de la métropolisation*, Marseille, n. 1 (Enjeux et définitions de la métropolisation), p. 41-51, 2001.

FISHMAN, Robert. Space, time and sprawl. *Architectural Design*, Londres, v. 64, n. 108, p. 45-47, march/april, 1994.

FONT, Antonio. Dispersão e difusão na região metropolitana de Barcelona. In: REIS, Nestor G.; PORTAS, Nuno; TANAKA, Marta S. (Org.). *Dispersão urbana: diálogos sobre pesquisas Brasil-Europa*. São Paulo: Via das Artes/FAUUSP, 2007. p. 61-73.

GAMA, António. Urbanização difusa e territorialidade local. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Girona, n. 34, p. 161-172, fev. 1992.

GARREAU, Joel. *Edge City: life on the new frontier*. Nova Iorque: Doubleday, 1991. 546 p.

GEDDES, Patrick. *Cidades em evolução*. Campinas: Papirus, 1994 [1915]. 274 p.

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 1997 [1985]. 310 p.

GOTTMANN, Jean. *Megalopolis: the urbanized north-eastern seaboard of the United States*. Boston: The Massachusetts Institute of Technology Press, 1961.

INDOVINA, Francesco. La città diffusa. Che cos'è e come si governa. *Position Paper*, Veneza, p. 124-131, 1997.

_____. Algunes consideracions sobre la « ciutat difusa ». *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, Barcelona, n. 33, p. 21-32, jul./dez., 1998.

KLOOSTERMAN, Robert C.; MUSTERD, Sako. The Polycentric Urban Region: Towards a Research Agenda. *Urban Studies*, Manchester, v. 38, n. 4, p. 623-633, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *Le manifeste différentialiste*. Paris: Gallimard, 1970. 187 p.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999 [1970]. 178 p.

LÉVY, Jacques (Éd.). *Le tournant géographique: penser l'espace pour lire le monde*. Paris: Belin, 1999. 399 p.

MEURIOT, Paul. *Des agglomérations urbaines dans l'Europe contemporaine: essai sur les causes, les conditions, les conséquences de leur développement*. Paris: Belin, 1987. 475 p.

MONCLÚS, Francisco J. Suburbanización y nuevas periferias. Perspectivas geográfico-urbanísticas. Introducción. In: MONCLÚS, Francisco J. (Ed.). *La ciudad dispersa*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. p. 143-167.

_____. Ciudad dispersa y ciudad compacta. Perspectivas urbanísticas sobre las ciudades mediterráneas. *D'Humanitats*, Girona, n. 7, p. 95-110, 1999.

MONTE-MÓR, Roberto L. *Modernities in the jungle: extended urbanization in the Brazilian Amazonia*. 2004. 378 p. Thesis (Doctorate/Ph.D. in Urban Planning) – School of Public Affairs, University of California, Los Angeles.

_____. Urbanização extensiva e a produção do espaço social contemporâneo. In: REIS, Nestor G.; TANAKA, Marta S. (Org.). *Brasil: estudos sobre dispersão urbana*. São Paulo: Via das Artes/FAUUSP, 2007. p. 241-251.

MOURA, Rosa. *Arranjos urbano-regionais no Brasil: uma análise com foco em Curitiba*. 2009. 242f. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

REIS, Nestor G. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas do tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006. 201 p.

_____. Sobre a dispersão em São Paulo. In: REIS, Nestor G.; PORTAS, Nuno; TANAKA, Marta S. (Org.). *Dispersão urbana: diálogos sobre pesquisas Brasil-Europa*.

São Paulo: Via das Artes/FAUUSP, 200, p. 35-47.

RONCAYOLO, Marcel. *La ville et ses territoires*. Paris: Gallimard, 1997 [1990]. 285 p.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 174 p.

SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 2001 [1991].

SCOTT, Allen J.; AGNEW, John; SOJA, Edward W.; STOPER, Michael. Cidades-regiões globais. *Espaço & Debates*, São Paulo, v. 17, n. 41, p. 11-25, 2001.

SEGAL, Rafi; VERBAKEL, Els (Ed.). Cities of dispersal. *Architectural Design*, Londres, v. 78, n. 1 (special issue), p. 1-135, jan./fev., 2008.

SMITH, Neil. Contours of a spatialized politics: homeless vehicles and the production of geographical scale. *Social Text*, Durham, n. 33, p. 54-81, 1992.

SOJA, Edward W. The socio-spatial dialectic. *Annals of the Association of the American Geographers*, Washington, v. 70, n. 2, p. 207-225, abr./jun., 1980.

_____. Writing the city spatially. *City*, Londres, v. 7, n. 3, p. 269-280, nov. 2003.

_____. Algunas consideraciones sobre el concepto de ciudades-región globales. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 9-44, ago./dez., 2006.

_____. *Postmetrópolis: estudios críticos sobre las ciudades y las regiones*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008 [2000]. 594 p.

SOJA, Edward W.; KANAI, Miguel. The urbanization of the world. In: BURDETT, Ricky; SUDJIC, Deyan (Ed.). *The endless city: the Urban Age Project by the London School of Economics and Deutsche Bank's Alfred Herrhausen Society*. Londres/Nova Iorque: Phaidon Press, 2007. p. 54-69.

SOUZA, Marcelo L. de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 101-114, jan./dez., 2007.

_____. Introdução: a “nova geração” de movimentos sociais urbanos – e a nova

onda de interesse acadêmico pelo assunto. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 6, n. 9, p. 9-26, jan./jun., 2009.

SPOSITO, Maria E. B. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo*. 2004. 508f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

_____. Urbanização difusa e cidades dispersas: perspectivas espaço-temporais contemporâneas. In: REIS, Nestor G. (Org.). *Sobre a dispersão urbana*. São Paulo: Via das Artes/FAUUSP, 2009. p. 38-54.

_____. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana F. A.; SOUZA, Marcelo L. de; SPOSITO, Maria E. B. (Org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 123-145.

TOPALOV, Christian; COUDROY DE LILLE, Laurent; DEPAULE, Jean-Charles; MARIN, Brigitte (Dir.). *L'aventure des mots de la ville à travers le temps, les langues, les sociétés*. Paris: Éditions Robert Laffont, 2010. 1.493 p.